

Da máquina e do maquinista

RAUL PILLA

Não sei se valerá a pena insistir. Todo esforço parece inútil, quando temos pela frente uma bela inteligência, como a do sr. Pedro Dantas, e a vemos inteiramente fechada pelo preconceito. É preferível lidar com a falta de inteligência, porque, com esta, a persistência e o método sempre conseguem alguma coisa.

De que se trata? De presidencialismo e de parlamentarismo, isto é, de dois mecanismos de governo democrático. A «priori», qual dêles será melhor como mecanismo, o que funciona sem tropêços, quase automaticamente e sem nunca trair a sua finalidade — a boa prática do governo democrático — ou o que a todo momento esteja a requerer a intervenção de hábeis mecânicos, para não enguiçar?

Todos concordam (e nisso até eu estou de acôrdo com o brilhante cronista parlamentar do «Diário Carioca»), todos concordam em que os poderes políticos devem funcionar harmônicamente. Mas, como estabelecer tal harmonia? Intrinsecamente, automaticamente, pelo próprio funcionamento do mecanismo, pelo jôgo das suas peças, ou extrinsecamente e voluntariamente, pela intervenção do mecânico? Não creio que, entre os dois sistemas, alguém possa hesitar: muito mais perfeito considerará o primeiro, que o segundo.

Pois esta é a diferença que vai do parlamentarismo ao presidencialismo. No primeiro, faz-se automaticamente o ajustamento dos poderes; os dissídios entre êles porventura surgidos resolvem-se logo e necessariamente, pelo próprio mecanismo parlamentar, porque, ou cai o gabinete, ou dissolve-se o parlamento, para que a nação resolva em última instância. No segundo, tal não se verifica. A regra do jôgo (para me servir da comparação do sr. Pedro Dantas), estabelece que a um dos poderes cabe legislar e ao outro executar, mas nenhum recurso tem o mecanismo para o caso, frequente até em povos de elevada educação política, como o norte-americano, em que o Executivo não cumpre ou mal cumpre as determinações do Legislativo. ou éste não atende as justas solicitações daquele. Às vêzes é preciso esperar anos, para que novas eleições venham resolver as divergências entre os dois poderes. Será isto funcionamento harmônico?

Em suma, a harmonia dos poderes é contingente no presidencialismo e necessária no parlamentarismo. Para suprir os defeitos de sua máquina constitucional, vêem-se obrigados os presidencialistas a apelar para a habilidade e as virtudes dos maquinistas. Concêdo que tal prefiram; façam, porém, o elogio dos maquinistas, e não o da máquina, que é antiquada e pèrra, e sem bons maquinistas não anda.